

Francisco e José Pólvora e Bernardo Campos Pereira formam o ateliê bfi Arquitectos. Fazem todo o tipo de projectos mas nos últimos anos têm realizado mais trabalhos na área da reabilitação. Como foi o caso do Cine-Teatro de Alcobaça, que ganhou recentemente o Prémio Leca

Autenticidade, Honestidade e Realismo

Ana Baptista

O «bfi Arquitectos» é formado por três sócios – Francisco Pólvora e o seu irmão José Pólvora, e ainda Bernardo Campos Pereira. A aventura em conjunto começou em 1998, ano quem que abriram o ateliê. Francisco e José Pólvora formaram-se ambos na Faculdade de Arquitectura de Lisboa, Bernardo Campos Pereira formou-se no Canadá, na University of Waterloo, perto de Toronto, e conheceu Francisco Pólvora enquanto estagiava no ateliê do arquitecto Gonçalo Byrne. Foi aí que se começou a

desenhar uma parceria. O que veio a acontecer num projecto para um bar na Doca de Alcântara. O ateliê tem funcionado desde então com uma estrutura pequena de apenas cinco pessoas.

Construir: Gostam de participar em concursos, ou são limitativos?

FP – Gostamos muito. Acho que é preciso ter alguma disponibilidade da nossa parte e por isso nem é sempre possível. E não sinto muito essa limitação. Sinto mais com privados, que têm as ideias já pré-concebidas.

Como é trabalhar em autarquias em Portugal?

FP – A nossa experiência tem sido muito positiva. Em termos de acompanhamento tem sido muito bom. Relativamente a concretização dos projectos já é outra história. Temos feito bastante trabalho que acaba por não se concretizar, mas é perfeitamente compreensível porque vivemos num altura bastante complicada.

É essencial começar-se a recorrer mais a arquitectos para remodelações?

FP – É a mesma coisa que um

doente fazer auto-medicação. Tem de haver bom senso por parte das pessoas ao mesmo tempo que ponderam o nível de intervenção a efectuar.

José Pólvora (JP) – O cliente pensa as coisas de uma forma muito separada. É preciso que as coisas tenham uma coerência. E depois há as questões técnicas. Não se pode mudar uma sanita de sítio como uma cadeira.

BCP – Na realidade, acho que é sempre uma mais valia.

Consideram ter alguma característica específica na

vossa forma de projectar?

FP – Acho que cada um tem uma resposta diferente. Há um conceito que me atrai que é o da autenticidade. E por isso é que empregamos uma linguagem contemporânea, porque é o que faz mais sentido. Não faz sentido estar a imitar o passado.

JP – Olhando para projectos recentes o que vejo é a honestidade com que trabalhamos. Temos uma atitude de acompanhar o projecto até ao fim.

BCP – Há um certo realismo na resposta. Damos respostas reais a problemas reais, mas ao mesmo tempo de uma forma ponderada onde surge então a criatividade. Não nos preocupamos com as questões só de forma mas também com as questões programáticas. Que devem ser acima de tudo realistas. Por exemplo, no Parque Desportivo de Cantanhede eles tinham uma proposta

Trabalho de equipa

Funcionamos como uma equipa. Cada projecto tem um coordenador, mas todos participamos na concepção do projecto, incluindo os nossos colaboradores. Procuramos investir ao máximo na discussão da parte conceptual para enriquecer cada um dos projectos», repara Francisco Pólvora. «Quando se decide ficar isolado em termos de concepção o trabalho torna-se mais pobre», acrescenta José Pólvora. Na verdade, para os arquitectos da «bfi» a arquitectura é um processo criativo de equipa e nunca individual. Um trabalho, que de acordo com Francisco Pólvora «estende-se a todas as especialidades de projecto».

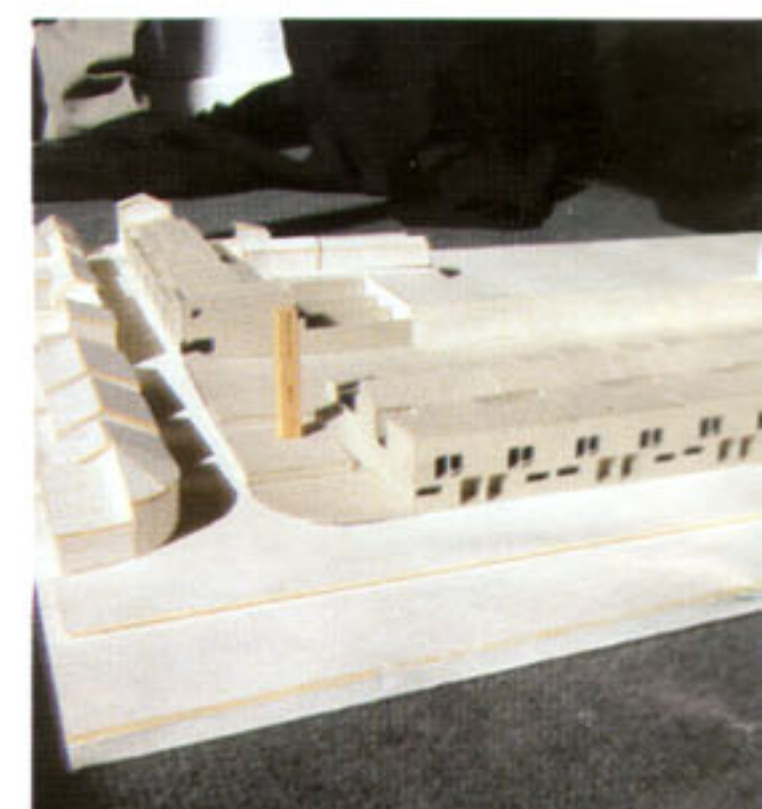
«Cada vez há mais especialidades distintas. É importante ter a arquitectura como coordenadora de todo o processo, é ela que tem de conciliar todas as especialidades». É neste molde que a «bfi» tem vindo a desenvolver vários projectos em diversas áreas. Desde moradias, casas

de habitação, remodelações, loteamentos, turismo rural, o Parque Desportivo de Cantanhede, os balcões do Deutsch Dank em Portugal (47 agências pelo país), o Cine-Teatro de Alcobaça, Lojas de estética, Stand da National Car, entre outros. Nos últimos anos tem surgido um grande interesse na área da saúde. «É um trabalho que requer muitos conhecimentos técnicos e em Portugal não tem tido uma grande projecção arquitectónica. Há muita coisa a fazer», repara José Pólvora. Mas o destaque vai mesmo para o Cine-Teatro de Alcobaça. A obra que consideram mais emblemática até ao momento. Aliás, têm sido os projectos de reabilitação uma das principais actividades do ateliê.

O que dá mais gozo recuperar ou construir? «Cada caso é um caso. Na reabilitação temos uma série de condicionantes físicos e numa construção nova os condicionantes são mais abstractos», explica Bernardo Campos Pereira.

«Num projecto de remodelação existe um elemento muito forte que é a pré existência. Temos de ter muito cuidado ao perceber qual é a função do que já existe e onde vamos intervir. Não vamos pedir a um castelo para se transformar num hospital. Tudo é possível, mas é preciso haver bom senso, análise e identificar quais são os valores arquitectónicos do edifício e depois adaptar o programa», diz Francisco Pólvora. Neste momento têm em mãos uma série de projectos: um condomínio de três moradias em Colares, dois arruamentos em Vila Franca de Xira, a remodelação dos átrios do ISEL, e uma remodelação em Portimão. Contudo, o destaque vai para um projecto imobiliário na área do turismo em Cabo Verde. «Fomos convidados por outro gabinete para integrar um consórcio de gabinetes. Pela dimensão do projecto concordámos. São 45 hectares e várias intervenções distintas», remata Francisco Pólvora. ■

portfolio



Loteamento na Azaruja, Évora



ficha técnica

Nome - bfi Arquitectos
Morada - Avenida Estados Unidos da América, nº 60 10º esquerdo 1700-177 Lisboa
Telefone - 218498002
E-mail - bfi@netc.pt
Projectos - Parque Desportivo de Cantanhede, Balcões do Deutsch Dank (47 agências em Portugal), Cine Teatro de Alcobaça, Stand da National Car, Loteamento na Azaruja (Évora), Turismo rural - Monte dos Mosqueteiros (Portimão), Loteamento em Cabrela (Montemor-o-Novo), Condomínio de três moradias em Colares, Arruamentos em Vila Franca de Xira, Remodelação átrios do ISEL, Remodelação de casa de habitação em Portimão, projecto imobiliário na área do turismo em Cabo Verde

Bernardo Campos Pereira, Francisco Pólvora, José Pólvora

para um estádio com 15 mil lugares para um concelho pequeno. Falando com o cliente conseguimos acordar em projectar um estádio com cinco mil lugares. É esse realismo de que falo.

Como vêm o estado da arquitectura portuguesa?

BCP - Temos dois níveis de arquitectura em Portugal. Há a arquitectura que aparece nas publicações. A nossa arquitectura tem aparecido em publicações em todo o mundo. Eu estudei no Canadá e eles tem mais conhecimento dos arquitectos portugueses do que dos canadianos ou americanos. Portugal é um país que à sua escala está a exportar arquitectos. Isto vê-se mais nas obras públicas. A outro nível, no da obra média, acho que a qualidade melhorou, mas ainda há um grande caminho a percorrer. Por exemplo, na Suíça ou Norte de

Espanha, como a Catalunha, a arquitectura média está á nossa frente. Temos muita arquitectura de luxo, mas a mais corrente ainda está um bocadinho abaixo. JP - Mas essa arquitectura emblemática tem provocado um despertar para a questão da arquitectura e tem aumentado a preo-

“ Em vez de haver um planeamento inicial e um crescimento sustentado estamos a tentar resolver problemas à medida que se dá o crescimento. ”

ocupação para com a arquitectura. FP - Acho que há também alguns sinais positivos ao nível dos promotores. Já se começam a aperceber de que é bom ter um arquitecto de qualidade ou uma equipa de projectistas para que o resultado final seja de qualidade superior e seja mais

vendável e permita atingir os objectivos do promotor.

Como vêm o fenómeno dos arquitectos estrelas?

BCP - A questão do arquitecto estrela tem duas faces, uma é positiva porque dá notoriedade. É o caso da Casa da Música, de

Serralves, do Centro Cultural de Belém. Mas noutro aspecto, investe-se mais no arquitecto estrela do que numa boa arquitectura. Estou a lembrar-me do Guggenheim. Parece que todas as cidades têm de ter um Guggenheim. Devia investir-se mais nos novos arquitectos para que haja um maior nível de arquitectura. E depois é preciso ver também a questão programática. Será que um casino é o mais importante para Lisboa? FP - Essa a componente que

ainda falta cá em Portugal, que é a própria concepção do programa ser mais discutida e pela população em geral.

Em Lisboa funciona-se por focos dispersos, não existe um programa...

FP - Em vez de haver um planeamento inicial e um crescimento sustentado estamos a tentar resolver problemas à medida que se dá o crescimento. BCP - O que Lisboa tem de pensar é preencher o recheio, dar menos importância ao automóvel, e ocupar os espaços vazios que existem, seja com habitação, espaços verdes, parques. Só assim trazem pessoas para a cidade. Lisboa está envelhecida. São precisas crianças. JP - Os espaços verdes em Lisboa estão muito degradados. Há quanto tempo é que a câmara não faz uma intervenção no jardim do Campo Grande?

Constrói-se mal em Portugal?

BCP - Varia muito do sítio em

Portugal. Na zona entre Viana do Castelo e Aveiro, constrói-se muito bem. Aqui em Lisboa não.

Há situações em que o construtor altera o projecto do arquitecto?

BCP - Há, mas é mais por questões financeiras. Como um projecto apresenta logo uma questão real dos custos, os donos de obra muitas vezes pensam que conseguem subvertê-lo e conseguir mais barato. Isso sacrifica algumas coisas.

Como vêm todo o circuito dos prémios de arquitectura em Portugal?

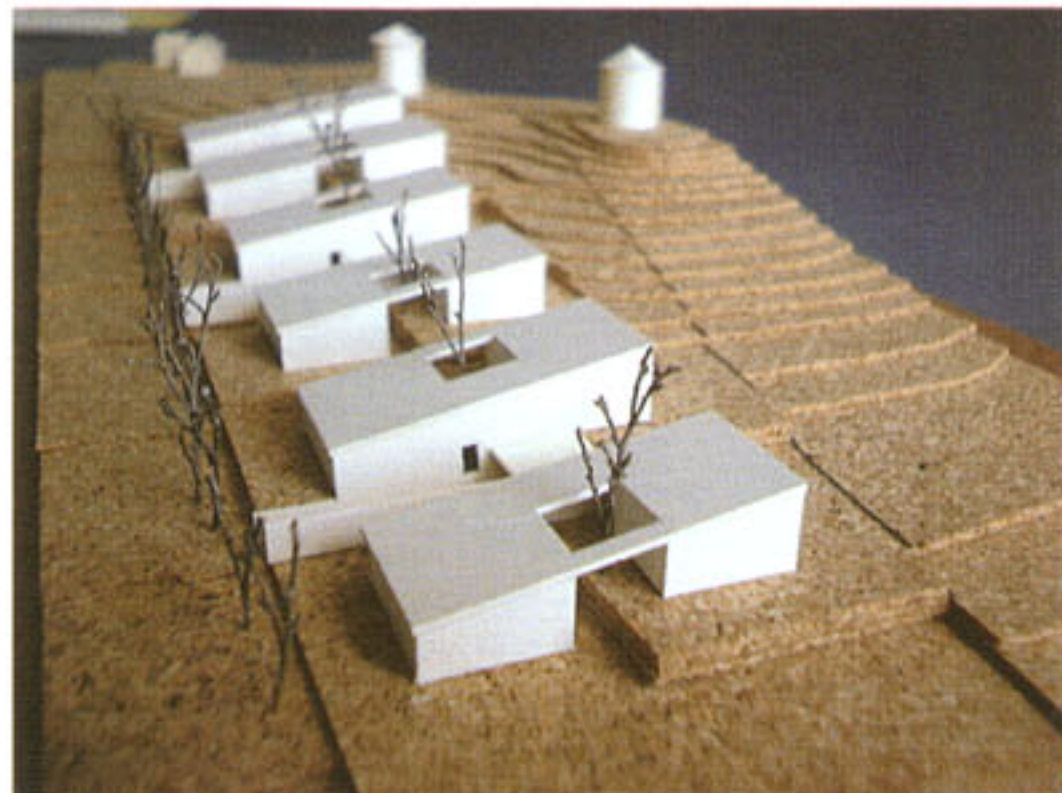
JP - São incentivos. E o trabalho de arquitectura é muito pesado. É todo um investimento que se faz e que depois não é reconhecido. É importante existirem estes prémios para dar destaque ao que muitas vezes está oculto. FP - Há muita construção de má qualidade, e estes prémios servem para chamar atenção as construções de boa qualidade. Quase como exemplo a seguir. ■



Cine-teatro, Alcobaça



Turismo rural - Monte dos Mosqueteiros, Portimão



Loteamento em Cabrela - Montemor-o-Novo